DESAFIOS NO HORIZONTE

O adventismo na década de noventa

George W. Reid

Bancar o profeta é perigoso, na melhor das hipóteses, e desastroso na pior. Todavia, acontecimentos recentes nos permitem projetar em parte o que jaz adiante para a Igreja Adventista do Sétimo Dia, inferindo o passado como prólogo para o futuro. É provável que, em Sua sabedoria, o Senhor prefira dirigir velozmente nossa igreja por veredas imprevistas que conduzam à rápida conclusão da Sua obra, passando por cima de todas as projeções. Por exemplo, poucos previram as recentes mudanças no Leste Europeu ou o mais recente avanço soviético em direção de uma economia de livre mercado e liberdade religiosa. Estes acontecimentos demonstram dramaticamente como novos fatores podem contrariar todas as previsões anteriores.

Contudo, tendo por base as tendências atuais, é possível desenhar os contornos de sete grandes desafios que provavelmente enfrentaremos na década que ora se inicia. Estas forças que afetam nossa igreja podem ser classificadas como teológicas ou funcionais, embora se influenciem mutuamente. Sendo que a prática geralmente segue o conceito, consideraremos primeiro as tendências teológicas, seguidas por aquelas de dimensões mais práticas.

UM NOVO CONFRONTO COM A CIÊNCIA

Cerca de quatro séculos atrás a exploração da Natureza pelo homem substituiu a revelação como o método dominante de in-

terpretar nosso ambiente. A capacidade científica de satisfazer a curiosidade e predizer resultados, conseqüências, saiu triunfante. Isto forçou os crentes a confiarem em um compromisso de fé que contradizia a avultada evidência, ou a tentar integrar os ensinamentos bíblicos com as descobertas científicas.

A ciência teve um atordoante impacto sobre a religião, provocando um novo colapso na fé do século dezoito. Todavia, o século dezenove testemunhou um reavivamento da fé religiosa, fé esta que adotava uma interpretação literal das afirmações bíblicas quanto às origens e significado. O livro *Origem das Espécies*, de Darwin, publicado em 1859, provia uma explicação materialista para muito do que os religionistas tinham atribuído a Deus. Os adventistas, porém, procuraram integrar a verdade revelada com os fenômenos observados. Efetivamente, nossas primeiras e acentuadas discussões giravam em torno do assunto criação/evolução. Contudo, a igreja de hoje luta com o problema em termos mais amplos.

Como participantes de um mundo cada vez mais tecnológico, nós adventistas estamos sendo obrigados a explicar nosso compromisso com o criacionismo. Também temos de decidir se devemos continuar apegando-nos à cronologia relativamente curta apresentada na Bíblia. Em alguns setores de nossa igreja, a controvérsia sobre a idade da vida na Terra vem-se desenvolvendo durante a década passada e mais ou menos na década anterior. Durante este tempo, o assunto tem permanecido

relativamente obscuro. Entretanto, parece provável que ele caminha para o primeiro plano.

Reconhecidamente, várias investigações científicas têm desafiado a crença de nossa igreja em uma breve cronologia da vida sobre a Terra. Especialmente a física nuclear, apresenta problemas de interpretação, visto que seu sistema de medidas sugere períodos de tempo muito longos dentro das camadas geológicas. Em uma tentativa para harmonizar a mundivisão criacionista e o modelo científico, várias posições intermediárias estão sendo discutidas nas partes do mundo mais racionalisticamente orientadas.

Como um todo, porém, a igreja permanecerá comprometida com o criacionismo e com uma breve cronologia. Os vínculos teológicos existentes entre Gênesis 1 e 2 e o sábado, reiterados no quarto mandamento, continuarão tendo um forte impacto. O relato do Gênesis vai além da teologia abstrata. Apresenta uma exposição exata das origens e subsequente atividade humana sobre a Terra em relação com o plano da salvação.

VIDA ESPIRITUAL VERSUS SECULARIZAÇÃO

Na maior parte do mundo, o mais formidável desafio da nossa igreja não é a discussão teológica pelos críticos da denominação. É a tendência muito mais sutil rumo à secularização.

As instituições religiosas têm uma história de sobrevivência de um modo formal e fossiliza-

do, muito tempo depois de terem sido exauridas do poder espiritual. Membros que chegaram à idade adulta sob o benevolente preceptorado da igreja, podem ou não buscar para si mesmos a experiência do novo nascimento.

Para aqueles que atingem tão profunda experiência religiosa, a igreja e suas instituições reforçam um relacionamento pessoal já vigoroso, provendo comunhão, apoio, nutrição religiosa e intelectual, e oportunidade para o serviço.

Conquanto a estrutura física e psicológica seja até certo ponto herdada, o elemento da escolha pessoal denota que a espiritualidade não é. Conseqüentemente, alguns nascem num ambiente adventista, crescem sob a influência de suas instituições, mas deixam de desenvolver uma profunda experiência espiritual. Avaliam a igreja grandemente de um ponto de vista utilitário. Embora se considerem adventistas, seus valores enfatizam considerações práticas. A experiência religiosa ocupa um papel afável e inativo em suas vidas. São essencialmente guiados por normas seculares.

Nas partes do mundo em que o crescimento é principalmente interno, a igreja da década de noventa lutará para traçar a linha entre andar na fé genuína e participar da cultura adventista; entre uma conexão viva com Cristo e o assentimento a uma formação, a uma educação.

Os estudos sobre membros ausentes ou desaparecidos, freqüentemente negligenciam o fato de que não obstante a formação de alguém, a consciente submissão pessoal a Cristo é essencial. A falha aqui constitui o mais significativo contribuinte isolado para a perda da fé, embora seja difícil de ser medido estatisticamente. Muitos de nós mal temos consciência de como o secularismo se intromete em nossa fé, ou de como estar de sobreaviso contra ele. A fim de competir com estas perdas, nossa igreja deve concentrar sua atenção

nas questões de mundivisão, nas linhas de demarcação entre os valores cristãos e seculares, e em como incorporar estes assuntos à educação cristã, tanto formal quanto informal.

O PAPEL DA REVELAÇÃO E INSPIRAÇÃO

Teologicamente, o caráter da revelação e inspiração é a questão mais difícil com que a igreja se depara, porque possuímos uma fé edificada sob autoridade bíblica. À medida que decresce esta autoridade, o raciocínio humano preenche o vácuo. Os valores absolutos são substituídos por explicações racionais baseados na experiência.

Desde o princípio, os adventistas têm crido que Deus é um Ser razoável e que Sua Palavra deve ser compreendida de maneira racional. Embora reconhecendo o ministério subjetivo do Espírito, temos defendido a primazia da Palavra escrita sobre a iluminação interior. Por este motivo, a abordagem adventista à comunicação divina toma a forma da razão em busca de Deus, não a razão exclusiva. Nosso enfoque nas porções proféticas da Bíblia requer uma análise do simbolismo e uma comparação com a História. A semelhança de outras áreas da vida moderna, a Bíblia tem sido submetida ao estudo analítico por eruditos comprometidos com o método científico. As Escrituras são assim vistas como possuindo idéias incomuns, mas como tendo autoridade somente para a comunidade crente.

Sob tal reinterpretação, o componente humano das Escrituras obscurece o divino. A Bíblia torna-se pouco mais do que boa história informativa e cultural, com pouca autoridade — uma coleção de estudos de determinados casos dos quais alguém abstrai princípios.

Esta opinião da Bíblia causa sérios problemas a uma comunidade adventista que continua a

aceitar as reivindicações bíblicas à inspiração, ao passo que a abordagem científica nega a realidade do transcendente.

Até que ponto permitirão os adventistas que as ciências sociais ditem sua interpretação da Palavra de Deus? Mal temos começado a pensar a respeito desta questão, embora seu resultado certamente influenciará a direção da igreja.

Preocupações concernentes à interpretação escriturística também se aplicam aos escritos do Espírito de Profecia. A década de 1980 foi uma década procelosa, tempestuosa para a influência de Ellen White. A má compreensão acerca dos métodos por ela utilizados para compor suas obras tem sido submetida à retificação. Tendo isto sido feito para a satisfação da maioria dos crentes, a década que ora se inicia será provavelmente um tempo de restauração da confiança.

REVISÃO DE DOUTRINAS FUNDAMENTAIS

Tipicamente, as comunidades religiosas durante seu segundo século reavaliam de vez em quando o que elas são e o que crêem. Os líderes pioneiros morrem, e novas gerações assumem a liderança. As velhas idéias são testadas ao examinarem-se os fundamentos da fé.

Os adventistas crêem que a compreensão da verdade por parte do ser humano é progressiva. O parágrafo introdutório que apresenta a declaração oficial da igreja no tocante às crenças fundamentais afirma:

Estas crenças, conforme aqui expressas, constituem a compreensão dos ensinamentos das Escrituras por parte da igreja. A revisão destas declarações pode ser prevista em uma sessão da Associação Geral quando a igreja é dirigida pelo Espírito Santo a uma compreensão mais plena da verdade bíblica ou a encon-

trar uma melhor linguagem em que expressar os ensinamentos da Santa Palavra de Deus.

Contudo, havendo dito isto, ainda cremos que a nova verdade não deve contradizer a verdade previamente estabelecida. A nova verdade simplesmente amplia nossa compreensão de áreas não exploradas anteriormente. Em última análise, toda a verdade é um todo unificado, porque tem apenas um ponto de suprema e definitiva referência — Deus.

Operando dentro desta perspectiva, nossa igreja está atualmente revisando sua compreensão de vários dos principais ensinamentos. Um deles lida com o sábado. A questão quanto a que dia deve ser observado não está em jogo. Todavia, o significado do sábado está sendo redefinido. O sábado tem sido apresentado tradicionalmente como o memorial de Deus ao Seu ato criador dentro dos limites da História. A ênfase foi colocada em valor comemorativo, lembrando-nos a origem de todas as coisas terrestres e sua expressão do propósito divino na Criação. O sentido criacionista tem sido sua principal ênfase, reforçada pela ênfase dada por nossa igreja à mensagem do primeiro anjo de Apocalipse 14:7.

Na década de 1990, este tema será testado, quando o sábado será reexaminado mais em termos do ato redentivo de Deus. Tal abordagem minimiza a origem histórica do sábado ao passo que enfatiza sua utilidade na satisfação das necessidades humanas. Ao mesmo tempo, enfraquece o nosso senso do seu significado escatológico.

Outro ensino fundamental que está sendo discutido é a expiação. É a obra expiatória de Jesus primariamente vicária, substituinte? Segundo este ponto de vista, o inocente morre em lugar do culpado a fim de que a justiça possa ser preservada, enquanto o perdão é concedido. Ou é Cristo melhor descrito como um Emissário do Céu que veio provar a experiência huma-

na e nos ensinar acerca do amor de Deus? Os ensinamentos bíblicos sobre a expiação permitem desenvolvimento teológico em várias direções. Sobreviverá a opinião substituinte, existente há tanto tempo, às discussões vindouras? Dado ao apoio bíblico e ao endosso direto de Ellen White, ela certamente prevalecerá.

Ainda outra discussão teológica desta década trata da interpretação profética. Serão as grandes profecias de tempo, outrora interpretadas historicamente em termos de um dia-por-um-ano, repetidas no futuro em uma base de um dia-por-um-dia? As controvérsias teológicas centralizar-se-ão também em torno de Cristo. Assumiu Ele a natureza de Adão antes da Queda ou do Adão caído? Questões afins esquadriarão a natureza do pecado e a possibilidade de vitória total sobre o pecado neste mundo. Através de todas estas discussões o Espírito Santo levará o povo de Deus a compreensão mais clara.

Tendo discutido várias controvérsias teologicamente orientadas, dirigimo-nos agora para aquelas que têm uma inclinação mais prática.

INFLUÊNCIAS SOCIAIS E MISSÃO GLOBAL

Historicamente, a Igreja Adventista tem mantido uma mentalidade de fortaleza, de praça fortificada, de castelo forte. Temos feito incursões missionárias no mundo circunjacente, seguidas de retiradas para lugares fora-do-caminho em busca de abrigo espiritual. As primeiras escolas e instituições de saúde promoviam o ideal agrário.

A urbanização, muito difundida hoje, indica que muitos, se não a maioria dos adventistas, vivem em localidades urbanas ou suburbanas. Ademais, o crescimento em números encoraja os membros a se tornarem ati-

vos nas estruturas sociais como governo, educação e cuidado da saúde.

O regulamento de liberdade pessoal, procedente do governo, tem acelerado o processo, enquanto se aproxima o tempo previsto profeticamente quando o poder autocrático dominará a vida pessoal, inclusive a prática da religião.

Como a igreja da década de 1990 enfrentará estas mudanças? Manterá vivo seu senso de missão, preparando um povo para o livramento que conduz a um país melhor? Ou enfatizará o serviço presente? Empregará sua energia na melhoria do mundo atual, consignando a segundo plano a esperança do regresso de Cristo? A escolha entre proclamação e serviço à sociedade é importante. As relações públicas favorecem o último. A proclamação, por outro lado, é profética, importuna, e gera oposição.

Esta será uma década de vigoroso esforço missionário em prol de comunidades ainda não penetradas através do programa da Missão Global. Grandes massas de pessoas, largamente concentradas na Ásia e no Oriente Próximo, não têm tido nenhum testemunho adventista. Os meios tradicionais de esforço missionário nestas regiões têm sido grandemente improdutivos, de sorte que novas abordagens serão essenciais. Qual o conceito de missão que prevalecerá? Estabeleceremos a evangelização ativa como nosso alvo ou nos dedicaremos a alguma forma de testemunho passivo, seguindo o tema do serviço, esperando que um esforço mais diretamente cristão venha em seguida?

A implementação da Missão Global certamente afetará a atuação adventista em todos os continentes e envolverá milhares de membros. Sua abordagem fundamental — quer seja o serviço social quer seja o recrutamento direto de novos crentes — gerará muita discussão.

A QUESTÃO DA UNIDADE ESTRUTURAL

A ênfase modernista sobre os direitos individuais incentiva a dependência empresarial. A atual tecnologia torna possível a uma só pessoa ou a um pequeno grupo atrair patrocinadores para lançar o que vem a ser chamado de "ministério independente". No mínimo, 75 desses grupos surgiram na América do Norte, e outros estão se multiplicando em outras partes do mundo.

Tipicamente, esses grupos se descrevem como adventistas do sétimo dia leais à fé, mas promovendo uma obra que não está sendo levada avante pela igreja organizada. Vários deles advogam variantes na fé religiosa, freqüentemente elevando a perfil de destaque questões não consideradas fundamentais pela igreja como um todo. Outros operam pequenas instituições dedicadas a ministérios especiais; ainda outros são ex-ministros, dotados de tendência carismática, que se desviaram para instruir em métodos especiais de arrecadação de fundos, evangelismo ou outras habilidades especiais.

Tais ministérios independentes atraem recursos financeiros de dentro da denominação, e representam movimentos paralelos mas organicamente separados. Alguns cooperam estreitamente com a igreja organizada e apóiam sua missão; outros não. Muitos distribuem materiais impressos cujo volume cumulativo quase certamente excede a produção da própria igreja. O desabrochar desses grupos com certeza permanecerá como um importante problema desta década.

Progressivamente, a questão da unidade *versus* uniformidade na experiência religiosa desafiara a igreja. Assuntos relacionados incluem uma tendência rumo ao congregacionalismo em algumas regiões, o papel dos leigos nas decisões da igreja, bem como as opiniões divergentes sobre matrimônio e divórcio, o papel da mulher na igreja, e outras considerações. Admitirá nossa igreja alguma diversidade regional ou procuraremos manter a uniformidade em plano de ação e em prática ao redor do mundo?

A consecução dos ambiciosos alvos da Missão Global certamente requererá a concentração unificada de esforços e recursos de toda a nossa igreja.

EM DIREÇÃO DE UMA IGREJA MAIS INTERNACIONAL

Sendo que o Adventismo é o mais geograficamente difundido de todos os grupos protestantes, parece contraditório falar em tornar-se mais internacional. O rápido crescimento fora da América do Norte tem produzido grandes concentrações de membros em todos os continentes.

Devido à sua primazia histórica e às suas vantagens econômicas e educacionais, a igreja da América do Norte tem fornecido liderança e recursos econômicos em desproporção aos seus membros. Todavia, a equalização está em andamento. Dadas às atuais projeções, o número de membros no final da década será esmagadoramente não norte-americano. Seguir-se-á o equilíbrio econômico, porém de modo mais lento.

A disponibilidade das oportunidades educacionais em todo o mundo acelerará a internacionalização da liderança denominacional. Estará em perigo a unidade da igreja. Dado ao caráter naturalmente centrífugo dos grandes grupos, o presente grau de unidade entre os adventistas constitui uma maravilha para os observadores.

Freqüentemente ouvimos chamados para diversidade cultural na igreja. Quando o traje, a culinária e os escrúpulos sociais estão em debate, o problema é sério. Mas dada à tendência humana rumo ao preconceito e à divisão, seria benéfico que todos os crentes enfatizassem suas semelhanças em vez de suas diferenças.

O desafio da década que ora se inicia será reforçar o respeito mútuo em toda a igreja. Devemos ver-nos uns aos outros antes de tudo como irmãos e irmãs. As variações raciais, étnicas, lingüísticas, ou econômicas não devem dividir-nos. Como disse Jesus aos Seus contenciosos discípulos: "Tendes um só mestre, e todos vós sois irmãos" (Mateus 23:8, RSV). Os homens e mulheres adventistas, seja qual for a sua nacionalidade, devem considerar-se a si mesmos como parte da família de Deus — como peregrinos que têm uma missão e um destino comuns.

George W. Reid (Th.D., Southwestern Baptist Seminary) tem sido diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral desde 1984. Serviu anteriormente como editor associado da Adventist Review e ensina teologia no Southwestern Adventist College em Keene, Texas.

Envolve-se em uma das campanhas evangelísticas de sua igreja